

CRÍTICA TEATRO | PESSOA FÍSICA

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Inspirado no teatro do absurdo, que emergiu na Europa em metade do século passado, “Pessoa Física” ressalta a falta de sentido e a forma pela qual estamos condenados à incomunicabilidade. Diálogos fragmentados, repetições, desestruturam o enredo aristotélico, acirrando a insensatez da vida contemporânea. Cecília Ripoll engendra ótima dramaturgia, distanciando-nos do realismo, proporcionando aos realizadores uma viagem criativa.

Alguns homens tentam, desesperadamente, cadastrarem-se num ambiente tecnológico para acessarem uma conferência. E desde então desenrola-se um embate entre eles e a máquina, que atende às suas indagações, mas não soluciona seus impasses. A autora aproxima-nos da sua escrita, com perspicácia, na medida que expõe situações corriqueiras, tragicômicas, onde caminhamos para uma automatização generalizada. Há um desejo que o indivíduo mantenha-se como ser humano, mas um sistema obriga-nos à digitalidade, afastando-nos de uma existencialidade. Um jogo habilidoso de palavras propõe uma reflexão de como o universo informatizado deveria beneficiar a comunicação, mas acaba por complicar nossas relações e afazeres inúmeras vezes. O fato da máquina ganhar vida, confundir-nos e atrapalhar-se neste contexto é um deleite.

Marcela Andrade edifica com

Aprisionamento VIRTUAL



Divulgação

Pablo Aguilar tenta concluir um cadastro, enquanto Letícia Guimarães é a voz automatizada que responde, mas não resolve

teatralidade à oferta de Ripoll, como deve ser quando uma direção talentosa passa a constituir uma autoria na montagem. Institui ritmo, equilibra seus intérpretes, além de armar desenhos que embelezam e justificam à escrita cênica. A cena em que mantém

o ator aprisionado pelas placas, como se estivesse engolido pela tecnologia é muita adequada.

Em comunhão, Pablo Aguilar, idealizador do projeto, e Letícia Guimarães, percorrem toda a encenação com entendimento e lucidez do material que lhes foi concedido. O ator é ligeiro em determinadas circunstâncias, apresentando porções de humor ácido. Na cena ini-

cial que exaspera-se pela confusão de ter o mesmo nome de seu pai é um acerto, conduzindo-nos àquela angústia patética, aliás, outro ponto alto para o texto de Ripoll. A atriz, ao dar vida à máquina, desenha uma corporalidade apropriada, colore com sapiência uma personagem que poderia permanecer engessada, costurando graça, carisma e inteligência. A intérprete ainda cantarola, afinada, “Solamente una vez”, numa direção musical de Marcelo H, que manifesta elegância à montagem.

Estruturas como placas que retemem ao computador compõem a cenografia atraente de Carla Ferraz, Marcela Andrade e Pablo Aguilar. O figurino de Carla Ferraz denota uma distopia, reforçando uma ideia de repetição dos meios virtuais, como o da atriz que transmove-nos para um código de barra. Entretanto, a iluminação de Livs não acompanha o padrão de artisticidade das outras funções.

“Pessoa Física” coloca-nos fadados a processos de validação, em que todos devem cadastrar-se numa organização disruptiva, através da qual somos impelidos a robotizarmos.

SERVIÇO

PESSOA FÍSICA

Sala Multiuso do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
Até 31/5, quintas e sextas-feiras (19h) e sábados e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 10 (sócio Sesc)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Annelize Tozetto/Divulgação



Adeus, cordialidade

A nova montagem brasileira para o sucesso francês “O Deus da Carnificina” fica em cartaz no Teatro TotalEnergies, na Glória, até 7 de junho. A peça apresenta dois casais que tentam resolver civilizadamente uma briga entre filhos, mas a cordialidade desmorona, revelando violência e egoísmo. Com diálogos ácidos, o espetáculo expõe contradições do comportamento humano e desmonta máscaras sociais. A obra inspirou o filme “Carnage”, de Roman Polanski, com Jodie Foster, Kate Winslet, Christoph Waltz e John C. Reilly.

Divulgação



Obsessão por ascensão

“O Talento de Ripley” encerra temporada na Casa de Cultura Laura Alvim neste domingo (31). A peça de Phyllis Nagy adapta o romance de Patricia Highsmith que criou um dos maiores personagens do suspense psicológico. Tom Ripley é um jovem que se infiltra na vida luxuosa de Richard Greenleaf movido por obsessão e desejo de ascensão social. A obra inspirou versão cinematográfica estrelada por Matt Damon. Dirigida por Hugo Bonèmer e Kamilla Rufino, a montagem explora a paranoia e a identidade mutável do personagem.

Dalton Valério/Divulgação



Diante de novas emoções

Bilica Chorona, a Peça” segue em cartaz no Têtarô do Sesc Tijuca até o dia 14 de junho. Baseado no livro de Isabelle Borges com dramaturgia de Marcia Zanelatto e direção de Isaac Bernat, o espetáculo acompanha Bilica, uma menina que descobre novas formas de lidar com suas emoções durante a fase de amadurecimento. Com Paula Furtado, Fábio Freitas, Raquel Penner e Isabelle Borges no elenco, a peça aborda a importância de relações familiares abertas à compreensão emocional das crianças nesta fase de crescimento.